

Uma imagem

Maria do Carmo de Moraes Mata Rodrigues

O cinema africano tem pouca circulação mundial, mas o mundo enfrenta a maior crise de refugiados desde a segunda guerra mundial e a foto do menino Aylan, encontrado sem vida em uma praia da Turquia em 2015, tornou-se um dos maiores símbolos do sofrimento vivido por refugiados no mundo inteiro. Recentemente, foi inaugurada pelo Papa Francisco, a escultura que homenageia Aylanna sede da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), em Roma.

Através das imagens de destruição ou a mais emblemática, a de Aylan na praia, podemos questionar: “o que pode custar vidas de inocentes a partir de conflitos religiosos e políticos?”; “como esse processo de agressão é nocivo à sociedade?”. Manguel (2001) expõe que para pensar as circunstâncias em que essas imagens foram divulgadas:

Quando lemos¹ imagens de qualquer tipo, sejam pintadas, esculpidas, fotografadas, edificadas ou encenadas, atribuímos a elas o caráter temporal da narrativa. É como se ampliássemos o que é limitado por meio da arte de narrar histórias conferindo a imagem imutável uma vida infinita e inesgotável (p. 27).

Para a maioria dos seres humanos, assistir a uma imagem de uma criança morta após um naufrágio por fuga de um país em guerra, é terrível e provoca sentimentos de compaixão, indignação e sofrimento. Podemos afirmar que essa imagem torna-se uma grande potência para elucidar as barbáries ocorridas contra essa população que busca refúgio em outro país. E, mais uma vez, pensemos com Manguel (2001) quando ele afirma que só podemos ver aquilo que, em algum feitio ou forma, nós já vimos antes. Ou seja, só podemos ver aquilo que já possuímos alguma

¹ No grupo de pesquisa desenvolvemos ‘conversas’ em torno desta questão: o que fazemos com as imagens é uma leitura? Tendemos a compreender que não, já que a leitura exige o conhecimento de códigos linguísticos, enquanto a imagem é sentida diferentemente e sem a existência, necessariamente, de códigos especiais.

imagem que pertence as nossas redes de '*conhecimentossignificações*'². Se a opressão da guerra não ocorre conosco, como sentir o que ocorre com as outras pessoas se não há nenhum registro ou imagem do ocorrido em nossas vivências?

A potência da imagem é sensibilizadora. E é através dela que podemos sensibilizar as redes educativas em que docentes e discentes estão mergulhados e trabalhar com os '*conhecimentossignificações*' que cada imagem nos traz.

É necessário conscientizar nossas redes educativas a não perpetuar esse mal que é o preconceito e a falta de informações a respeito das reais condições de migrantes e refugiados. Para isso, concordo com Alves, Filé e Vargas, (2007) quando dizem:

Com isso, a ideia de que há um dentro e um fora – da escola, da família, dos movimentos sociais, das igrejas – perde sentido e nos exige pensar que precisamos incorporar a ideia do dentrofora, o que vai exigir, então, uma grande capacidade de articular o que vai sendo pensado, usado, criado nesses múltiplos contextos e que aparece encarnado nos praticantes em cada um deles ao entrarem no 'espaçotempo' escolar, entendido como aquele onde se trabalha o currículo(p.66, grifo dos autores).

A trajetória de migrantes e refugiados pode integrar-se ao currículo por meio da exibição de filmes, documentários, pequenos vídeos para fomentar o debate acerca do caminhar contínuo em busca de um lugar de paz. Importante ressaltar que a condição dos refugiados é de fuga por questões políticas, de guerra, religiosas, fome e outras. E Certeau (2017) traz à luz da nossa compreensão esse caminhar:

Caminhar é ter falta de lugar. É o processo indefinido de estar ausente e à procura de um próprio. A errância,

² Este modo de escrever estes termos juntos, em itálico e com aspas simples – tais como os termos '*espaçotempos*', '*aprenderensinar*', '*práctateoria*', '*praticantespensantes*', '*docentesdiscentes*', entre outros – é utilizado em pesquisas *nos/dos/com* os cotidianos e serve para nos indicar que, embora o modo dicotomizado de criar conhecimento na sociedade Moderna teve sua significação e importância, esse modo tem significado limites ao desenvolvimento de pesquisas nessa corrente de pensamento.

multiplicada e reunida pela cidade, faz dela uma imensa experiência social da privatização de lugar – uma experiência, é verdade, esfarelada em deportações inumeráveis e ínfimas (deslocamentos e caminhadas), compensada pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano. (p. 170)

Esse texto possui o propósito de sensibilizar os leitores na busca do diálogo a respeito desse processo migratório, a fim de compreender como esses fios se formam compondo nossas redes educativas e como podem intervir a fim de minimizar os sofrimentos daqueles que deixam seu país (e que muitos perdem tudo, principalmente familiares).

E encerro com o apelo do Papa Francisco (2017) na ocasião da inauguração da escultura do menino Aylan: “Vamos ouvir o grito de tantos irmãos nossos marginalizados e excluídos: ‘Tenho fome, sou estrangeiro, estou sem nada, doente, recluso em um acampamento de refugiados’”.

Imagem 1



Fonte:

https://www.bing.com/images/search?view=detailV2&ccid=dnC%2brBDZ&id=9F2BCB5417575403B5B127006D998C60D958B172&thid=OIP.dnCrBDZqA6HPOBTe_vs7wEsCo&q=aylan+kurdi&simid=608010746378322560&selectedIndex=10&qpvt=aylan+kurdi&ajaxhist=0

<https://exame.abril.com.br/mundo/papa-preconiza-amor-e-inaugura-estatua-de-menino-sirio/>

Referências:

ALVES, Nilda. Decifrando o Pergaminho- os cotidianos das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Orgs.). *Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas* – sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alii, 2008: 28- 45.

_____. *Redes educativas 'dentrofora' das escolas, exemplificadas pela formação de professores*. In: XV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino. Belo Horizonte, Abr, 2010: 188

_____; FILÉ, Valter; VARGAS, Maria Jacintha. Tecnologias, imagens, sons e currículos nos cotidianos. *Currículo Sem Fronteiras*, v.7, n.2, Jul/Dez 2007: 38-70

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano* 1. artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2017.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. Tradução de Rubens Figueiredo, Rosaura Eichemberg, Cláudia Strauch. – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Depoimento Papa Francisco:

Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/mundo/papa-preconiza-amor-e-inaugura-estatua-de-menino-sirio/> Acesso em: 26 nov. 2017.

Imagens disponíveis em:

https://www.bing.com/images/search?view=detailV2&ccid=dnC%2brBDZ&id=9F2BCB5417575403B5B127006D998C60D958B172&thid=OIP.dnC-rBDZqA6HPOBTe_vs7wEsCo&q=aylan+kurdi&simid=608010746378322560&selectedIndex=10&qpv=aylan+kurdi&ajaxhist=0 Acesso em: 30 nov. 2017.

<https://exame.abril.com.br/mundo/papa-preconiza-amor-e-inaugura-estatua-de-menino-sirio/> Acesso em: 26 nov. 2017.

Sobre o autor: Mestre em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ e participante do grupo do Laboratório de Educação e Imagens, coordenado por Nilda Alves.